

TACET BOOKS

7 MELHORES CONTOS

Infantis

EDITADO POR

August Nemo

Introdução

A história da literatura infantil se confunde com a história da própria infância, já que nem sempre as crianças foram vistas como são hoje. Até meados do século XV a criança era tratada como um "mini adulto" e era introduzida ao mundo das temáticas adultas assim que fosse considerada autônoma, o que ocorria por volta dos seis anos de idade. Não havia, portanto, a cultura da infância, com atividades e conteúdos culturais pensados exclusivamente para esta faixa etária.

É somente a partir do século XVI, com as mudanças político-sociais que ocorrem na Europa e que possibilitam o surgimento da família burguesa, que novos sentidos são atribuídos à infância. A infância então aumenta de duração e ganha importância enquanto fase preparadora para a vida adulta. Também começam a surgir espaços voltados para a criança, como a escola, que surge da necessidade de educar a nova classe social dominante. É em paralelo ao surgimento das escolas que aparece a literatura infantil.

Os contos de fada, oriundos da tradição oral do folclore europeu, são trazidos para a forma escrita e adaptados em seu conteúdo para essa nova visão de infância. As histórias infantis passaram a ter função pedagógica e moralizante. Os primeiros folcloristas que foram a campo coletar, catalogar e adaptar esses contos populares se tornaram conhecidos como os primeiros autores infantis, como Charles Perrault, os irmãos Grimm e Hans Christian Andersen.

A literatura infantil nunca deixa de ter um aspecto pedagógico, mas principalmente desde a segunda metade do século XX se observa um aumento de consumo dessas obras enquanto entretenimento, fora do ambiente escolar.

Um dos precursores dessa literatura infantil que se afasta da didática tradicional é Lewis Carroll.

Em Portugal, Ana de Castro Osório considerada a criadora da literatura infantil desse país, tendo realizado uma extensa e intensiva recolha dos contos da tradição oral do país, e publicado inúmeros volumes de histórias para crianças, além de ter traduzido e publicado os contos dos irmãos Grimm e muitos outros autores estrangeiros de literatura para crianças.

No Brasil, é publicado “Narizinho Arrebitado” (posteriormente “Reinações de Narizinho”), de Monteiro Lobato, sendo considerado este o início da literatura infantil brasileira. A obra de Lobato traz os conhecidos elementos dos contos de fada, mas agora enriquecidos pelo folclore, tradições e os costumes nacionais.

Dia Internacional do Livro Infantil 02/04 - Em homenagem ao escritor dinamarquês Hans Christian Andersen.

Dia Nacional do Livro Infantil 18/04 - Uma homenagem ao escritor brasileiro Monteiro Lobato, nascido nesta data.

O Príncipe Querido

Figueiredo Pimentel

Ubaldo VI, rei do país de Karkom, foi um soberano tão bom, tão carinhoso e tão amante dos vassalos, que, depois de sua morte, e mesmo em vida, o povo o cognominou – o Bom Rei.

Estando um dia a caçar um coelho, que cães perseguiram, pulou em seus braços.

O rei acariciou o coelhinho e disse-lhe:

— Já que te colocaste sob minha proteção, não consentirei que te façam mal. E levou o bichinho para o palácio.

À noite, quando já estava em seus aposentos, pronto para se deitar, apareceu-lhe uma moça formosíssima, vestida de branco, com os deslumbrantes e opulentíssimos trajes de uma princesa real, tendo, porém, cingida à frente, em vez de uma coroa, uma grinalda de rosas brancas.

Sua majestade ficou admirada de vê-la no quarto, porque a porta estava fechada, não sabendo como podia ter ela entrado.

— Eu me chamo Cândida e sou uma fada, disse ela. Estava no bosque, enquanto caçavas, e quis ver se eras bom como todo o mundo diz. Por isso encantei-me no coelhinho, e saltei em teus braços. Queria ver se eras bom para os animais, porque sei que quem tem piedade deles, ainda tem mais pelos homens, seus semelhantes. Se me tivesses recusado socorro, acreditaria que eras mau. Vim agradecer o serviço que me fizeste, e garantir-te a minha proteção. Pede o que quiseres, que te prometo fazer.

— Linda fada, disse o bom rei, deves saber o que desejo. Tenho um único filho que muito estimo, e por isso lhe chamo

Querido. Se quereis conceder-me alguma graça, sede sua protetora.

— De boa vontade, tornou a fada, “posso fazê-lo o mais rico, o mais belo e o mais poderoso dos príncipes. Escolhe o que queres para ele.

— Nada disso desejo para meu filho, respondeu Ubaldo. Ficarei muito agradecido se fizerdes dele o melhor de todos os príncipes. De que lhe servirá ser belo, rico, poderoso, se for um malvado? Sabeis perfeitamente que seria infeliz, e que só a virtude fará dele um homem venturoso.

— Tens muita razão, mas não tenho poder para tanto. É preciso que ele trabalhe para ser um homem virtuoso. O mais que posso prometer é dar-lhe bons conselhos, protegê-lo, repreendê-lo e castigá-lo pelas suas faltas, se não se corrigir ou não se punir por suas próprias mãos.

O soberano ficou satisfeito com essa promessa da fada Cândida, e morreu pouco tempo depois.

O príncipe Querido chorou bastante a perda de seu velho pai, e daria todos os seus reinos, toda a sua fortuna para salvá-lo.

Dois dias após a morte do rei, estando Querido deitado, apareceu-lhe Cândida, que lhe disse:

— Prometi a teu falecido pai ser tua protetora, e vim cumprir minha palavra fazendo-te um presente.

E no mesmo instante colocou um anel de ouro no dedo do moço, dizendo-lhe:

— Guarda com muito cuidado este anel, que vale mais que todos os tesouros da terra. Todas as vezes que fizeres uma ação má, ele espetará teu dedo. Mas, se apesar disso, persistires, perderás a minha amizade e tornar-me-ei tua maior inimiga.

Dizendo tais palavras Cândida desapareceu, deixando o príncipe admirado.

Querido conservou-se sensato por muito tempo, a ponto de não sentir o anel espetá-lo nenhuma vez.

Tempos depois, indo à caça, sentiu que o anel o incomodava, mas não fez caso; e, como não encontrasse pássaro algum para matar, voltou para casa de mau humor.

Entrando em seu quarto, uma cadelinha que possuía, chamada Mimosa, começou a saltar-lhe em frente, festejando-o, latindo alegremente.

— Passa fora! gritou. Hoje não estou disposto a receber festas.

A cadelinha, não entendendo o que lhe dizia o príncipe, puxou-lhe a aba do paletó, para obrigá-lo ao menos a olhar par ela.

Isto impacientou o príncipe, que lhe deu um pontapé.

Nesse momento o anel deu-lhe uma ferroadada tão forte que parecia alfinete. Querido ficou muito admirado, e foi sentar-se a um canto do quarto, envergonhado da sua ação.

E dizia consigo mesmo:

— Afinal de contas, está me parecendo que a fada brinca comigo. Que grande mal fiz em dar um pontapé num animal que me importuna? De que me serve ser senhor de um grande império, se não tenho liberdade de castigar o meu cão?

— Eu não brinco contigo, disse uma voz que respondia ao pensamento do príncipe. Cometeste três faltas em vez de uma. Estavas de mau humor, porque não gostas de ser contrariado, e pensas que os animais e os homens foram feitos para te obedecer. Ficaste zangado, o que é malfeito, e demais, foste cruel para um animalzinho que não merecia ser maltratado. Sei que vales mais que o cão; mas, se é uma coisa razoável e permitida que os grandes possam maltratar os pequenos e os fracos, agora mesmo eu, que sou fada, podia castigar-te, e até te matar, porque sou mais forte que tu. A vantagem de ser senhor de um grande império não consiste em poder fazer o mal que se quer, mas sim todo o bem que se pode.

O jovem confessou a sua falta; e prometeu corrigir-se; mas depressa faltou à palavra. Em pequenino fora criado